

Transcrição da entrevista com Maria Stella Orsini

César: Eu vou tentar uma abordagem, eu não sei se ela te mandou a pauta, não né? Ótimo, melhor ainda.

Orsini: Surprise!

César: É, surprise. Olha, eu tenho aqui que você entrou na Universidade de São Paulo em 61, então eu devo crer que, vou te chamar de ‘você’ tudo bem?

Orsini: É um prazer

César: Que você estava na casa dos 20 anos nessa época, ou seja, naquele momento de descoberta do mundo que a gente tem nos 20, entrando em faculdade, você está num momento histórico ímpar, em que a turbulência surge, o golpe vem do nada e muitas mudanças estruturais começam a acontecer. Como é que você se posiciona como aluna naquela época?

Orsini: Olha, foi uma experiência única. Porque eu vim da Caetano de Campos, que é uma escola pública, e tive o privilégio de entrar na USP. E fui aluna de grandes mestres, Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, professor **Charle**. Enfim, e o Olivieiros que até hoje está escrevendo nos jornais, ele um dia entrou na sala e disse: *“O que é que vocês estão fazendo pelo país? A revolução está estourando lá fora”*.

Eu sou da turma de 64. Foi o Florestan Fernandes que fez o **inaudível**. Então é um período que trouxe uma bagagem, uma experiência, indescritível. Então a minha paixão pela USP começa aí e depois continua como professora. Essa é uma vivência que é única e que traz grandes momentos, grandes recordações, de um Brasil muito diferente do de hoje em dia.

César: A escolha pela FFLCH foi uma intuição sua de um caminho a seguir? Como é que foi a escolha pela sociologia?

Orsini: Foi, no curso normal eu tive excelentes professores no Caetano de Campos em Sociologia, Psicologia. E eu sou de uma família de médicos e engenheiros. Quando eu escolhi Ciências Sociais, meu pai teve uma grande decepção. Ele falou *“Mas você vai fazer Filosofia, jogo de palavra? Você precisa de uma coisa...Porque não pega a*

ciência?”. Meu tio médico, é da Biologia. Então eu desviei, eu sou a ovelhinha negra da família, porque depois os outros continuaram no campo da engenharia ou medicina.

Eu sempre tive atração por isso e eu acho que foi pela minha ligação também com a França, porque naquela época a gente bebia das fontes Sartre, os grandes filósofos, e tive uma prima que me influenciou muito também, porque ela vibrava com as ciências sociais. Ela fez Letras, grego, e Ciências Sociais. E nós éramos muito amigas, depois ela saiu do Brasil foi morar no Uruguai, a amizade lógico continua, mas isso me permitiu descobrir o mundo da comunicação, dos valores humanos, das emoções, que eu tinha quase certeza que eu não ia encontrar com tanta intensidade no campo da medicina, da matemática, da física. Então foi uma inclinação e até hoje eu não me arrependo de ter feito o que eu fiz. Vou abraçando ciências sociais e pós-graduação em psicologia. Então eu consegui unir essas duas ciências de uma maneira que se tornou harmoniosa.

César: Eu estou com vontade de fazer uma pergunta que não está na pauta, mas que agora me suscitou a curiosidade. Enquanto você falava, Sartre e tal, e o curioso é que Sartre era vivo. Então quer dizer, você bebia do conhecimento de grandes pensadores que eram contemporâneos. Curiosamente, hoje, a gente tem um acesso à informação exponencialmente maior, mas nem por isso essa transmissão dos mestres é intensa..

Orsini: Por exemplo, Paris, no Cafè xxx, os garçons falavam, “*ah mas o Sartre e a Simone acabaram de sair*”. É indescritível você poder compartilhar um mundo de intelectuais. Ele veio muito pro Brasil, ele foi recebido aqui. Naquela época eu não tive contato, porque ele esteve visitando a USP, mas logo depois ele partiu. Mas em termos de vivência, são coisas que só a Faculdade de Filosofia da época, eu comecei na Maria Antônia, depois algumas disciplinas começaram aqui. Então é uma experiência única e isso moldou a minha maneira depois de ser como professora aqui da ECA.

César: Voltando pra minha pauta, indo lá pra trás um pouquinho, eu dei uma pesquisada e vejo que sua proximidade da música, ela se reflete na sua obra.

Orsini: Certo.

César: Ela é anterior? Você toca?

Orsini: Eu comecei a estudar piano como toda menina bem prendada, que devia completar a educação estudando piano. Mas depois os estudos, a atividade da escola

exigia muito, eu não tão dedicada. Eu gostava, não tanto do estudo, gostava de tocar. E minha mãe também tocava. Depois que eu entrei pra faculdade, me afastei muito. E na pós-graduação, quando eu comecei a fazer o estudo sobre a Guiomar Novaes, ouvi, que eu acho que é uma experiência que eu recomendo pra todo brasileiro, põe um disco da Guiomar Novaes e escute. Vocês vão ter a sensação que um grande crítico na época, nos Estados Unidos deu pro sobrinho dele. O sobrinho dele estava na casa dele, ele era um grande maestro, e ele disse “Olha, hoje eu vou reger um concerto e é uma pianista brasileira. Eu vou dar dois ingressos pra você assistir, só que tem um perigo, você vai assistir esse concerto e você vai ficar viciado. Nunca mais você vai querer ouvir outro pianista”. Então depois que você ouve Guiomar Novaes, não dá pra voltar pro piano, porque ela era completa.

Então eu tive sim uma formação, vivi com um maestro durante anos. O mundo da música sempre fez parte da minha vida.

César: Isso influenciou você na opção, foi um convite. Como é que foi a vinda pra ECA?

Orsini: A vinda pra ECA foi, depois da minha experiência na França, que, participação de mulheres, mulheres brasileiras em Paris, a participação das feministas, estava no auge, o feminismo da década de 70. Fazendo cursos na França também, que eu fiz na Sorbonne. Quando eu voltei, eu tinha amigos da área de teatro, por exemplo o Timochenco Wehbi, que foi professor aqui muito querido, e um dia brincando ele disse assim “*Stella, está aberto lá o concurso, porque você não presta?*”. Porque a gente trocava muitas ideias, eu ia muito ao teatro com ele, eu contava das minhas experiências, em Paris por exemplo, eu falei assim “**Timô**”, o apelido dele era Timô, “*eu fui ver o Nureyev, eu fiquei extasiada, porque era um balé, um balé imenso, e o público aplaudiu de pé durante mais de 5 minutos*”. E nós tínhamos acabado de ver uma peça aqui, que o público bateu palma e levantou. Eu falei, eu não entendo a diferença do calor humano que dizem que o brasileiro tem. Ele disse “*É, brasileiro é assim, pagou, o outro tem que trabalhar pra ele*”. Porque ele tinha um pouco da mágoa do artista que não é tão reconhecido no nosso meio, talvez até continue agora.

Então, ele sugeriu, mas eu não levei, levei a coisa meio na brincadeira. Aí por um acaso qualquer, acho que alguém me telefonou, e eu vim aqui, eu me inscrevi, teve uma seleção e eu fui aprovada. Passado alguns dias, ele, com aquele jeitão dele, “*Então você*

foi e não me contou nada, eu poderia ter conversado”, eu falei “Não, não tinha nada o que conversar, se eu fui e consegui, foi por causa da minha capacidade, não queria interferência nenhuma”. E a partir daí, eu comecei a descobrir um outro mundo, porque a minha formação de sociologia e psicologia, e com a vivência que eu tinha tido na França. **Porque na França é você**, tem aquela fantástica experiência, tem aqueles cineminhas maravilhosos, eu um dia fui assistir um filme com **Alfred Gough** e a **Laureen Bacall**, no dia seguinte eu fui comprar uma malha na Galeria Lafayette, ela estava lá com um tanto de amigo meu. Sabe, é um outro universo, é um outro mundo de experiências. E comecei a lecionar aqui, só que no início me deram uma turma de comunicação também, mas o meu coração é em artes, sempre foi minha paixão, que são os alunos de Música, Artes Cênicas e Artes Plásticas. E daí eu permaneci e não consegui mais me afastar deles.

César: Que disciplinas você ministrava na época?

Orsini: Na graduação, “Fundamentos da expressão em comunicação humanas”, porque tem a comunicação de massa e eu trabalhava a comunicação humana. E “Psicologia da Arte”, que também daí eu fui aprender muita coisa, porque eu tinha Psicologia Humana no Doutorado, e Psicologia do Adolescente, a parte mais educacional, e aqui, na Psicologia e na Arte, na graduação. E depois, na pós-graduação eu li outro tipo de pesquisa de...

César: Isso em 79, 80 né? 90? Tá, engraçado porque você faz um traço de transversalidade cultural assim né, que você tanto se preconiza nas escolas e que naquela época não. Naquela época era quase que, aquela coisa de não, se você é de uma área e vai pra outra, como é que é isso? Ou não? Ou já era...

Orsini: Tinha, tinha. Quando eu tinha aula com o professor **Ruy Coelho**, que era um professor maravilhoso ele dizia assim: “Você que agora está lá na psicologia”. Quando eu ia pra psicologia, o meu orientador dizia assim “Você que veio das Ciências Sociais”. Mas isso não, eu achava uma coisa natural porque eu transitava, eu procurava transitar pelas duas, porque elas se complementam. Tem a psicologia social, e é o que o ser humano diz de mais.

César: Ainda nessa época inicial como professora da casa, que professores marcantes você lembra que você possa citar?

Orsini: Em termos de relacionamento?

César: É de relacionamento, mesmo em termos de trabalhar conjunto, não sei.

Orsini: Ah bom. Já disse um monte de nome. Tinha o Timochenco Whebi, que foi um companheiro, um amigo e era um diálogo sobretudo em teatro, era fantástico sair daqui falando muitas coisas de teatro, mas entrar para assistir uma peça de teatro e ele dizer assim: “*Agora vai acontecer isso*”, e eu “*Mas como é que você sabe?*”, e ele “*Só pode acontecer...*”. Ele previa. E eu participava, às vezes ia pra casa dele e ele ficava escrevendo as pessoas, pedia palpites, sugestão, “*gosta disso?*”. Então o “Timô” foi uma experiência fantástica.

O professor **Celso Lorge**, que agora está afastado, está com problema de saúde, mas que veio também da sociologia, nós éramos colegas na Ciências Sociais, que me marcou. A professora Yolanda Lhullier dos Santos, que faleceu faz pouco tempo, porque a Yolanda foi minha companheira no tempo de Caetano de Campos, quando nós íamos, ela estava um pouco mas adianta, mas a gente, pra você ter uma ideia, pegava o bonde na Av. Paulista onde era esquina da casa da mansão Maratazzo, e que foi destruída pra construir um shopping. E a professora Yolanda sempre convidava pra banca, ela estava sempre buscando companhia, alguma tentativa de fazer alguma coisa além dos anos da ECA, e também pra conversar sobre a ECA. Porque a ECA sempre estava em volta, a análise positiva, e às vezes uma análise, mas difícil porque no ambiente de trabalho tem os dois lados, e limita, você não pode ignorar.

César: A ECA sempre esteve em pauta. Por quê? Podendo somar o seu tempo de FFLCH, passando pela Psicologia, e a ECA, tem algum momento que você acha que ficou na sua memória quando você pensa nesse período? Essas turbulências, altos e baixos, que seja digno de ser contado.

Orsini: Eu acho que é a passagem das Ciências Sociais, uma pausa pela Psicologia, o pouquinho que veio lá da França que eu trouxe, e que eu pude unir aqui. A ECA pra mim foi, eu tenho a impressão que se eu tivesse, eu fiquei muito pouco tempo na pedagogia, não me encontrei muito bem, e na ECA eu me senti muito à vontade, sobretudo depois na Pós-graduação que foi a minha chance, a minha grande oportunidade, que eu acho na vida. Então o digno que merece ser citado, foi a oportunidade que ECA me deu de pegar toda aquela bagagem que eu tinha recebido, na

USP e um pouco na França, e poder aplicar aqui e conviver com esses colegas maravilhosos.

César: Retomando então. A Lis me lembrou que a gente passou, eu estou indo meio cronologicamente aqui, e eu deixei de perguntar ou pelo menos abordar, 68. Você falou da França, você estava lá, estava aqui?

Orsini: Não, 68 eu estava aqui.

César: Como é que foi o momento?

Orsini: Eu fui pra fazer o curso na Sorbonne em 73, eu fui na véspera de quando caiu o governo do Allende, embarquei no dia seguinte. 68 o que eu vivenciei foi bem depois, passei período em 69, mas viagem turística. De permanecer lá, em **Vanseille**, ver as palestras dos professores foi uma transformação significativa. Se bem que o sistema deles é muito diferente do nosso, o francês é muito mais disciplinado, o engajamento dele é muito mais profundo então, a vivência deles em termos de 68 repercutiu durante muitos e muitos anos. Eu não estava lá, não presenciei, mas pude sentir a importância do movimento, que eu acho que até hoje sentem alguma coisa.

César: E aqui nesse período, com o recrudescimento da ditadura militar, o AI-5.

Orsini: Foi um período difícil de muito medo, eu respondi processo. Então tolheu muito da possibilidade de criação na educação, porque o medo generalizado, o medo de você perder o emprego, o medo de você ser denunciado e eu sofri um processo pelo fato de ter abordado certos assuntos, mas não ficou, fui até Brasília e não teve punição maior. Mas foi muito difícil Naquela época eu tive uma pequena experiência num colégio particular e o DOPS baixou por lá, levou duas colegas que trabalhavam lá, uma deixou um filho, depois ela não reconhecia o filho. Enfim, tudo aquilo que a gente ouviu falar eu senti um pouco em parte e refletiu durante um período. Mas depois a coisa foi diluindo e a coisa voltou à maneira de trabalhar, a vivência da universidade. Porque a universidade de certa forma, pela equipe de professores, pela formação intelectual dos professores, houve como que assim uma certa proteção. Então aqui a gente ia até um determinado ponto, né, a gente sabia como ia. E aos poucos a coisa foi diluindo, foi voltando, digamos, ao normal.

César: E a sua chegada na ECA já se dá depois, no processo de abertura, né?

Lis: Mas naquela época você era estudante aqui?

César: Não, não mais. Ela estava fora..

Orsini: Eu estava trabalhando. Eu trabalhei em Rio Claro, aliás eu também vim pra ECA porque eles queriam pra tempo integral em Rio Claro. Uma cidade simpática, gostosa e tal, mas eu sempre fui paulista, paulistana. Então eu estava em outras experiências, em escola pública, e eu estive numa escola federal neste processo. Daí que eu vim pra ECA eu já estava **inaudível**

César: Bom, vamos mudar de orientação. O seu trabalho “Mulheres Inovadoras”, fale um pouco sobre isso.

Orsini: É, você perguntou o que te marcou na época. Foi a possibilidade de, em contato com os alunos, eu tinha que **inaudível** e descobrir ilustrações e esclarecer da cultura brasileira. Eu estava preocupada em termos da nossa realidade, porque eu tinha visto muita coisa na França e como eles valorizam o elemento nacional. E tinha um professor, um sociólogo, o **inaudível**, que fez um livro interessantíssimo no Canadá, as primeiras mulheres que se destacaram nos mais variados campos, as inovadoras, na jurisprudência, na medicina, na arte, enfim, e como elas resolveram o problema família e filho, etc. Eu fiquei muito entusiasmada porque era uma visão nova que ele apresentava.

E quando eu comecei a procurar pra ilustrar pros alunos, os alunos que me despertaram, quando eu comecei a pesquisar, eu comecei a descobrir um universo maravilhoso de pintoras, escritoras, musicistas, dançarinas, e mulheres extremamente criativas pra época, eram mulheres do final do século XIX, início do século XX. E eu cheguei à conclusão que essas mulheres realmente eram inovadoras porque elas romperam com a tradição, elas tiveram a coragem de ousar, quando as outras mulheres eram criadas pra cuidar de família, de filho, etc. E elas não, elas construíram uma carreira por capacidade própria. Não foi nada outorgado, elas se libertaram daquele vínculo patriarcal depois também do marido, e se destacaram no campo profissional, então elas inovaram. E nem sempre foram tão reconhecidas, eu trabalhei muito isso com os meus alunos.

César: Posso pensar que o seu trabalho é de um feminismo sociológico? Não militante.

Orsini: Se você quiser, sim. Existia coisas muito esparsas, não que não tivesse pesquisadoras com trabalhos sobre escritoras, pintoras, etc. Mas eu comecei a colocar **inaudível** da pós um leque de possibilidades e como essas mulheres transformaram o social, o sociológica.

César: A Cristina Costa tem um trabalho, que é o Retrato de Mulher.

Orsini: Talvez esse trabalho foi um dos cursos que ela fez, os Retratos né.

César: Sim.

Orsini: Eu me lembro. Eu devo ter a tese dela em casa. EU guardo tudo, minha casa é um museu.

César: Bom, nessa linha de mulheres inovadoras, então é lógico que eu vou perguntar se a Guiomar Novaes é uma delas.

Orsini: Olha, é difícil rotular Guiomar Novaes como mulher inovadora porque a Guiomar Novaes foi uma senhora educada dentro dos padrões vitorianos da época. Ela nasceu em 1894, no final do século, de uma família com 11 filhos, o pai morreu quando ela era pequena e a mãe teve que arcar com a educação de todos. Então a educação dela foi bastante rígida e ela nunca foi uma mulher ousada.

Se você gosta de comparação, depois da **inaudível** se comparando Guiomar Novaes com Magdalena Tagliaferro, são personalidades totalmente opostas. A Guiomar Novaes era inovadora no fato de ter feito e ter levado avante, a custo de duras penas por causa de família, etc, ter de abandonar por um período os filhos, mas de ter construído o seu nome mundialmente. Mas se você pensa ‘mulher inovadora’ que rompe normas, que afronta padrões, não. Ela era bastante conservadora, uma mulher extremamente religiosa, obediente.

Eu lembro quando eu defendi a tese, a Marilena Chauí fazia parte da banca, e ela leu a tese e disse assim: “*Eu fico muito surpresa com o fato que você relata na sua tese*”, que a Guiomar Novaes era adolescente, 15, 16 anos, e ganhou uma bolsa do governo francês, e a mãe não podia acompanhar porque tinha os outros filhos e foi a madrinha. Naquela época a madrinha, a senhora Olga Prado da família, era muito importante. E moravam um apartamento em Paris. E tocou a campainha uma pessoa, e a Guiomar Novaes foi e abriu a porta modestamente, a pessoa queria falar com a Dona

Olga e ela chamou. E depois a Dona Olga chamou a Guiomar para que ela viesse trocar qualquer coisa e ela veio. E a Marilena falou assim: *“Ela abriu a porta quase como uma serviçal, ela não se apresentou como a estudante que tinha ganho a bolsa do governo francês!”*.

Ela era extremamente recatada, uma mulher intimista, uma mulher de um, como é que eu vou dizer isso pra você, de um caráter, de uma dignidade e de uma fidelidade para os colegas. Por exemplo, num concerto que ela foi em Nova York com uma das secretárias, era um pianista famoso, mas naquele dia ele não estava muito bem, e a Guiomar pegou a mão da secretária e disse “reze pra ele não esbarrar em mais nada”. Ela torcia pelo sucesso, o que é uma qualidade muito difícil de ser encontrada sobretudo no meio artístico. Então essa inovação dela talvez seja em termos de valores humanos.

César: Mas de qualquer forma foi uma inspiração pra ti?

Orsini: Nossa, eu quando descobri o material que tinha, porque eu ficava buscando, no IEB, na ECA, no Rio de Janeiro, enfim, depois da Guiomar, inclusive França e Estados Unidos, mas aqui não tinha muita coisa. Quando eu descobri o arquivo da Guiomar e descobri o que tinha no exterior, eu fiquei alucinada. Foi um presente dos céus ter a possibilidade de trabalhar tudo aquilo que nunca ninguém havia descoberto.

César: Ainda na linha feminista, vamos chamar assim, hoje a ECA tem uma diretora mulher. Como é que você vê esse momento?

Orsini: Eu vejo com a maior naturalidade, eu acho que o mundo civilizado permitiu com que os homens ficassem ao lado das mulheres e vissem a mulher como uma colaboradora e nunca como uma competidora, nunca como alguém que quer roubar o lugar do homem. Todos tem oportunidade. Chegou o momento desse, daquela, e eu acho a coisa mais natural do mundo. Nós estamos vivendo não só aqui o movimento, acho excelente, porque tem momentos em que a gente precisa ter um toque feminino e alternar. Eu acho que é importante os sexos se complementares nesses aspectos administrativos. Acho excelente.

César: Bom, comunicação e artes, né. Muito se fala que às vezes poderia existir as duas escolas. Talvez elas não conversem, ou que haja uma dicotomia muito clara entre esses dois ramos de conhecimento.

Orsini: Olha, isso é polêmico.

César: Pois é.

Orsini: Não sou eu que posso dar uma diretriz ou uma orientação pra isso. Eu senti na pele isso, porque quando eu comece aqui, a minha ideia é a Artes, e eu recebi um primeiro ano de Comunicações, cento e poucos alunos numa classe, na sexta-feira à noite, que é o dia em que o pessoal já está pensando e sair e tomar sua cervejinha, e eu fiquei um pouco perdida porque era biblioteconomia, jornalismo, editoração, cinema, enfim, todas as áreas de comunicação e com uma linguagem um pouco diferente das artes.

Eu não sei se é o caso de pensar em duas escolas em uma dicotomia tão radical, eu não vejo assim. Eu acho que a gente pode conviver, acertando arestas e intercambiando experiências, e um grupo enriquecendo o outro. Eu acho fantástico quando a turma de jornalismo, por exemplo, ia assistir um espetáculo de teatro e que eles bebiam da fonte e passavam a entender melhor a comunicação teatral. Fantástico quando uma turma de Relações Públicas ia assistir uma apresentação aqui no auditório, um concerto. Porque não conviver bem?

César: A gente fala tanto em transversalidade né. Quer dizer, você tem dois níveis dela, a vivência que possibilita a aproximação entre essas duas escolas, facilita essa transversalidade.

Orsini: É, eu vejo isso. Lógico que ao longo do processo, eu ainda quando estava começando, eu sentia às vezes isso, e havia alguns momentos de debates, que havia até alguém insinuando isso, “Ah, se a gente se separasse, a gente viveria melhor, porque..”. Pra não enfrentar o conflito, que é justo isso. **Inaudível**. Respeitar o trabalho do outro e fazer com que o outro respeite e o seu trabalho. Então eu acho que é uma tradição que não pode ser rompida. Comunicações e Artes, assim eu vejo.

César: Alguma história que marca a sua trajetória na ECA? Um caso?

Orsini: Sabe, a história mais marcante que eu tive, eu acho que não posso precisar um momento, aquele dia, aquela hora, foi o fato de ter o privilégio de ter convivido com pessoas que me enriqueceram muito, inclusive os alunos. E atualmente minha história marcante é o prazer de abrir o jornal e ver um aluno com projeto, montando um

espetáculo cênico, regendo, uma obra. Esse é o grande presente da minha história. De ter, lógico, que é o nome da Universidade em primeiro lugar, é o nome da ECA, e, eu fico pensando, eu acho que eu colaborei um pouquinho para que esse sucesso acontecesse. Então o que eu ganhei em termos de vivência, de experiência, com alunos, professores, funcionários. **Inaudível** todo o leque de vivência desses anos que eu passei aqui.

César: A ECA acaba sendo muito mais do que só uma instituição de ensino.

Orsini: Lógico, lógico. Se você transformar só numa instituição de ensino vira uma coisa mecânica e fica um trabalho burocrático. Pra mim existiu, mesmo com as dificuldades, mesmo com os momentos difíceis, algo além disso. Porque senão é muito árido, é muito isento de valores humanos. E o que me marcou foi exatamente os valores humanos, que está dentro da minha linguagem, sociologia e psicologia.

César: Existe algum lado triste disso, alguma lembrança ruim?

Orsini: Sabe, as lembranças tristes existem. É lógico que você não apaga, porque você viveu. Mas as alegres são tão mais intensas e que de certa forma deixaram uma **inaudível**. Você não apaga completamente algumas experiências, algumas tristezas, mas as alegrias foram tão mais marcantes, as **quintas** foram tão mais coloridas, que você supera.

César: Eu queria acabar, você tem alguma visão, você consegue imaginar o que vai ser dessa escola em mais 50 anos? O que você gostaria que ela fosse?

Orsini: Eu gostaria que ela fosse, talvez seja até um pouco ingênuo da minha parte, mas eu gostaria que ela fosse nos moldes, por assim dizer, da experiência que eu tive na França e que quando eu voltei, eu tentei implantar aqui e eu fui muito criticada, fui muito quase que apedrejada. O sistema da França, como eu disse pra vocês, os valores deles são muito mais autênticos e eles enfrentam aquilo que eles querem com confiança, com orgulho. E eu senti que as vezes os movimentos aqui eram meio blasés, meio brincadeira e tal.

Então na França, um professor de pós-graduação, não sei se continua assim, mas no meu tempo, eu já posso falar 'no meu tempo', o professor ficava na porta esperando os alunos, os alunos chegavam lhe davam a mão, cumprimentavam, perguntavam como é

que tinham passado a semana e recebiam **inaudível**. É etiqueta, educação, uma coisa assim, **inaudível**, não, isso faz parte do acolhimento, você se sente acolhida e com prazer de assistir a aula. A aula começava e ninguém mais entrava na sala, porque existia uma disciplina e o horário. Era um compromisso que o aluno tinha assumido com o professor, e o professor com o aluno. Eu tentei trazer isso aqui e me tacharam de rígida, extrema direita, etc, etc, etc. Então eu gostaria que os valores que eu recebi na Caetano de Campos, pra você ter uma ideia, até hoje, 50 anos depois, nós mantemos anualmente, aliás esse ano foi até na minha casa, uma reunião e nos encontramos e compartilhamos experiências, que são as mais diversas. Cada um tomou um rumo diferente na vida, mas os valores que ficaram foram muito significativos e o que fica é a amizade. Muita coisa vai embora.

Então eu gostaria daqui 50 anos uma escola mais leal, com todo mundo convivendo. Pode parecer assim um pouco ingênuo, mas com mais amor fraternal, você compartilhando com o teu colega, com o teu aluno, sem medo, sem ameaça de que ele vai roubar meu lugar, ele vai tirar o mau, não, você pode inclusive contribuir para que ele cresça e você também está crescendo. Então os valores os valores que eu recebi isso, sobretudo, a postura francesa que me trouxe uma dignidade para encarar, você conseguir as coisas com o seu esforço e pronto. E não, atualmente, por debaixo do pano pra ganhar isso, pra ganhar aquilo, pra passar na frente do outro. Enfim, coisas que são deploráveis na sociedade brasileira. Então essa é a ECA, eu vou estar aqui daqui 50 anos, mas se a gente pudesse fazer alguma contribuição para que ela pudesse ser uma escola boa como é, mas melhor em termos de humanidade, eu ficaria extremamente feliz.

Lis: Só uma pergunta. Professora, se você pudesse caracterizar a ECA numa frase, numa palavra, qual seria a singularidade da ECA?

Orsini: A singularidade da ECA está na diversidade, porque você pega, por exemplo, o professor, a Politécnica, você tem engenheiro. Você pega a medicina, você tem médico. A ECA não, ela é rica, ela é um leque. E essa diversidade, essas diferenças, essas nuances, no **inaudível** de comunicações, e artes todos, sem exceção. É o que traz a riqueza. Muitos não entendem, eu tive mesmo pessoas, amigos, de família, assim “ah, você não fica perdida lá? Porque só fica um bla bla bla, falando disso, falando aquilo e tal”. Então eu acho que é isso que traz a riqueza, essa comunicação da diversificação.

Você não encontra uma coisa estática, você encontra, está sempre jogando coisas novas e criativas.

César: Muito obrigado.